

# A ILLUSTRAÇÃO LUSO-BRAZILEIRA.



LISBOA: — Anno . . . . . 45000 réis.

Numero pago à entrega. 5090

N.º 26 — VOL. III.

Sabbado 2 de Julho de 1859.

PROVINCIAS: — FRANCO — Anno . . . . . 45300

Ultramar e estrangeiro (moeda forte)... 55000

## Historia da actualidade.

A perda que os boletins francezes e sardos accusam na batalha que teve logar no dia 26 do passado em Solferino, é de vinte e tres mil austriacos, doze mil francezes, e seis mil piemontezes.

— Os austriacos tem obstruido a entrada do porto de Malamocco, para evitar a passagem da esquadra franceza. Veneza sómente tem communicações com Trieste e Vienna, e por isso se espera sustental-a por muito tempo.

— A Turquia augmenta os seus armamentos, e vae elevar o exercito a trezentos mil homens.

— Corria boato em Paris de que se a Prussia ameaçar pelo Rheno, o imperador convocará o corpo legislativo, e lhe pedirá os necessarios recursos.

— O feld-marechal Urban foi nomeado commandante geral de Verona.

— Os generaes Forey, Ladmirault, Dien, e Auger foram feridos na batalha de Solferino.

— O governo francez enviou mais cem peças d'artilharia para a Italia.

— Algumas companhias de tyrolezes passaram o Stelvio, e queimaram uma aldeia no valle de Canonico.

— Chega por todo este mez a Lisboa a companhia equestre de mr. Thomaz Price; assim como na proxima semana chegarão mais tres companhias hespanhoas, dos quaes já se contam maravilhas.

— Chegaram a Lisboa, vindos de França, os restos mortaes do finado capitalista Manuel Pinto da Fonseca, e foram em seguida transportados para o jazigo que no cemiterio do Alto de S. João lhe mandaram erigir seus irmaos.

— Já principiam as demolições para a nova rua da *Imprensa*, á Guia.

— Finalmente está resolvido o negocio dos casebres ao Loreto, e no

começo do proximo anno principiam as suas demolições.

— O beneficio que houve esta semana no Passeio Publico em beneficio do asylo do Campo Grande, foi concorrido por mais de cinco mil pessoas.

— Entre os feridos do exercito alliado conduzidos a Vercelli ha uma vivandeira, que recebeu uma bala no combate de Turbigo. Vendo cair ao lado d'ella muitos valentes, lançou mão de uma espingarda, e accommetteu os austriacos á bayoneta. Quando se tratou de lhe fazer a amputação, disse: « opponho-me, porque não poderei seguir o meu regimento. » A doente vae bem e espera-se que em pouco possa entrar n'outra batalha.

— Na batalha de Palestro brigavam um voluntario bersagliero (caçador piemontez) e um soldado austriaco. Era chegada a noite, e a escuridão augmentava com a sombra das arvores que ali estavam proximas. No momento em que o caçador estendendo os braços ia dar uma bayonetada no austriaco, atirou com a espingarda ao chão, e rendeu-se. Tinha acabado de reconhecer seu irmão

no que até ali combatera como inimigo. O bersagliero havia-se alistado voluntariamente no exercito sardo, e seu irmão fóra sorteado no exercito austriaco.

## Fabricação do oleo de palma.

Na costa occidental d'África ha uma excellente variedade de palmeiras, a que os sabios dão nome de *elais Guineensis*, e a que os indigenas poeticamente chamam a *sua amiga*, por causa dos muitos e variados productos que d'ella retiram, necessarios quer á vida, quer ao tracto domestico.

Um d'estes productos é o oleo que d'ella se extrahе, tão conhecido no commercio com o nome de *oleo ou azeite de palma*.

A sua fabricação é simples. A estampa representa uns taboleiros feitos no solo com rebordos da mesma terra. Quando o fructo está maduro, colhe-se e deita-se nos taes taboleiros, e os negros armados com paus, que tem na extremidade lammas cortantes, separaram facilmente o grão da pericarpa. O producto amarelado, e espesso, que por este modo se obtem, é recolhido em vasos ou panellas de barro, que se põem ao fogo: pela ebulição o oleo separa-se subindo á superficie; trasvasa-se para barris, e este é o oleo de palma ordinario.

Os grãos no estado em que ficam depois da ebulição, são ainda pisados e sujeitos a uma pressão, e o liquido que d'elles corre, na proporção de trinta por cem, é o denominado oleo de palma fino, ou superior.

Este oleo é de consistencia butirosa, de cor alaranjada, e de cheiro forte. Fabrica-se com elle sabão, e vendas. O sabão assim fabricado tem qualidades especiaes, sae por preço mais modico do que o sabão usual, e tem



Fabrico do oleo de palma.



mais a especialidade de se dissolver na agua salgada, o que o torna recommendavel a bordo.

Antes de 1832 este producto não era conhecido no commercio; hoje tem grande importancia, e pode esta successivamente crescer, porque o litoral da Africa está coberto de immensas florestas d'estas palmeiras.

#### Noticia abreviada do reino de Saxonia.

Quando, por occasião do casamento da nossa infanta D. Maria Anna com o principe Jorge de Saxonia, o editor da *Illustração Lusobrazileira* me pediu, dando-me pressa, este artigo, vi-me embaraçado, não por falta, mas por sobra de auxilios, tendo, além dos apontamentos que fiz nas minhas viagens, não poucos extractos da Historia geral da Alemanha, por Barre; do Compendio historico de Pöffel; do Resumo de geographia universal, por Malte Brun; do Dictionario geographico universal, por uma sociedade de geographos; do novo Dictionario da conversação, e do velho Dictionario geographico de Vosgien; do Relatorio do estado da instrucção publica n'alguns paizes d'Alemanha, por Mr. Cousin; do Almanack de Gotha, da obra, tão conhecida dos viajores, de Richard; e de dois livros noticiosos em alemão, Paynès Universum, o Universo de Payne, ou descripção dos sitios mais pittorescos, das cidades e dos monumentos mais notaveis do mundo, com os retratos dos homens celebres, e outras gravuras primorosas em aço; e *Illustrites Reisebuch durch Deutschland*, ou Manual illustrado dos viajantes na Alemanha, obra também cheia de gravuras, e mui grata e fiel guia dos que percorrem aquella tão interessante parte da Europa Central. Com as cores finas de tão bons pintores bem poderia em também fazer um bello quadro se tivesse o pincel singelamente pittoresco e energeticamente expressivo do nosso frei Luiz de Sousa. Abalar-me-hei, porém, soccorrendo-me aquelles subsidios, e á minha memoria, a produzir aqui as impressões das duas viagens que fiz no reino de Saxonia, uma em 1830, com o illustre barão Alexandre de Humboldt, meu collega diplomatico na Russia, que as sciencias acabam de perder; e outra, em 1839, acompanhando a augusta Princeza que tenho a honra e ventura de servir.

A vasta região, onde, entre as duas margens do Elbo, se estabeleceu desde o fim do terceiro seculo, a famosa nação Saxonia, oriunda, como a Angla, do Chernesio Cymbrico, a qual concorreu tanto para a queda dos romanos na Grande Germania, e d'onde duzentos annos depois saíram os afamados paladinos que, pela força unida d'aquellas duas raças, fundaram a decantada Heptarchia na Grã-Bretanha, e os que mais tarde, penetrando a Gallia Belgica, combateram com fortuna variavel os reis de França, estendia-se entre os mares Báltico e do Norte, Prussia, Polonia, Silesia, Bohemia, Baviera, as provincias rhenanas, e Hollanda; comprehendendo a Baixa-Saxonia a parte septentrional e a Alta-Saxonia a meridional.

A dynastia Saxonia, uma das mais antigas e mais illustres d'Alemanha, pretende descender do fúmirado Witkind, que foi vencido por Carlos Magno. Frederico o *Bellicoso*, fundador da universidade de Leipsick, foi o primeiro margrave que teve o titulo de elector do imperio Germanico, que lhe foi conferido em 1422. Do seu successor Frederico o *Bom* procedem Ernesto e Alberto, arrebatao do castello d'Altembourg, e igualmente celebres, nos quaes se effectou a primeira divisão dynastica nas duas linhas que d'elles tomaram os nomes, continuando o de Saxonia a ser commun a todas as partes principaes do predito territorio depois da segunda repartição nos ramos de Saxonia-Coburgo e Saxonia-Gotha, hoje unidos, Saxonia-Weimar, Saxonia-Meinigen, Saxonia-Altembourg, subdivisões da primeira linha chamada *Ernestina*, e da Saxonia Real, representante da segunda linha appellada *Albertina*, bem como a uma outrora provincia d'este reino, e hoje incorporada na Prussia. As guerras que, pela apparição do lutheranismo, inquietaram a Alemanha no decimo-sexto seculo fizeram que a dignidade eleitoral passasse, em 1547, de João Frederico o *Magnanimo* para seu primo Mauricio, ficando desde então

annexa aos chefes da linha *Albertina*. Tiveram, como é sabido, os saxonios uma parte activa na tão fallada guerra de *trinta annos*, que terminou pela paz de Westphalia em 1648. Quarenta e nove annos depois foi o elector Augusto I, por morte do heroico João Sobieski, eleito rei de Polonia, tomando d'isto e d'outras circumstancias pretexto a Suecia para invadir a Saxonia Eleitoral, que não cessou de hostilizar até 1708. Podendo Augusto II, filho e successor d'aquelle rei, ficar neutral na guerra que em 1740 houve entre a Prussia e a Austria, mal pôde elle deixar de ser levado por aquella segunda potencia a tomar o partido d'ella na segunda lucta que ambas tiveram em 1756, por cujo motivo os prussianos arruinaram a Saxonia até 1763 em que se fez a paz, carregando todavia o paiz com o peso de uma divida enorme. Fornecendo, em 1793, o elector Frederico Augusto o seu contingente para o exercito colligado contra a França, pôde elle, apezar e depois d'isto, guardar até 1806 a paz entre as nações belligerantes. Vendose, porém, n'aquelle anno, obrigado a fazer causa commum com a Prussia, ficou a Saxonia, pela aniquilação da sua alliada por Napoleão, a bem dizer, nas mãos d'este, que para attrahir a si os saxonios, augmentou o seu territorio com algumas terras da Polonia, de que o elector, em 1791, não quiz ser rei, e de outras d'Austria, elevando o paiz assim engrandecido á categoria de reino, a que os dois estados, de Baviera e Wurtemberg também então, e pelas mesmas razões, foram exaltados. Fazendo, em 1813, a retirada do exercito francez que a Polonia ficasse em poder dos russos e dos prussianos seus alliados, d'onde veiu que a Saxonia fosse o theatro das mais sangrentas peijas, principalmente em Bautzen, em Dresde e em Leipsick; e passando, no meio d'esta ultima acção, as tropas saxonias para os colligados que, por este e outros meios, alcançaram victoria, apoderaram-se estes do reino, cujos habitantes esperavam, por esta concessão, conservar a integridade do seu territorio; mas o congresso de Vienna em 1815 desanexou (termo que em politica significa tirou) d'ella e uniu á Prussia a provincia de que já fallei, que continha uma população de mais de oitocentas mil almas.

Tendo a Saxonia, assim mesmo desfinhada, estado tranquilla durante quinze annos, sobresaltou-a, em 1830, o mal, com visos d'ardor religioso, mas da natureza do furor revolucionario, que então atacou outros estados. Cortando o prudente rei Antonio, no paiz de que fallo, esta febre, associando, com o titulo de co-regente, ao governo, seu, ainda moço e já mui popular, sobrinho, Frederico Augusto, em quem o principe Maximiliano seu pae tinha também acertadamente cedido os seus direitos a corôa, tornou o reino a ser inquietado, na primavera de 1848, pela mesma gente revoltosa, que d'esta vez fez muito mais ruido tanto ali, como em todas as partes da Europa; valendo-lhes então o bom espirito, não só da força armada da primeira e segunda linha, mas de grande maioria dos seus habitantes. Concluei este breve resumo dos successos civis, militares, e politicos d'aquelle reino com as seguintes noticias estadisticas.

A Saxonia Real, onde se falla melhor o alemão, e cujo clima geralmente saudavel, é mais temperado do que o da maior parte dos outros paizes que estão situados na mesma latitude, occupa o quarto logar na Confederação Germanica, onde tem um voto na assemblea ordinaria e quatro na extraordinaria, subindo a sua população a dois milhões trinta e nove mil setenta e cinco habitantes, dos quaes um milhão e quasi oitocentos mil são lutheranos, dois mil e tantos calvinistas, cento e vinte gregos scismaticos, e oitocentos e oitenta israelitas. A forma de governo desde 4 de Setembro de 1831 é monarchia representativa com modificações feitas pelas leis de 31 de Março de 1849, e de 5 de Maio de 1851. As rendas do estado subiram em 1858 a nove milhões trezentos sessenta e cinco mil duzentos quarenta e tres escudos, montando, em fins de 1857, a sua divida publica a sessenta e um milhões trezentos vinte quatro mil e treze escudos. O exercito, de que el-rei é commandante em chefe, consta, não contando o corpo de reserva, de vinte cinco mil trezentos noventa e seis homens, a saber: dezenove mil setecentos sessen-

ta e oito homens de infantaria, tres mil duzentos e cito de cavallaria, e dois mil quatrocentos e trinta de artilheria e engenharia. Ha um conselho supremo politico ou d'estado, a que preside el-rei, e composto de quatro membros. O ministerio está dividido em sete repartições, que são: a do interior ou do reino, a de justiça, a de guerra, a dos negocios estrangeiros, a de fazenda, a da casa real, e a do culto, ou dos negocios ecclesiasticos, e da instrucção publica. E' o chefe d'esta ultima repartição auxiliado de um chamado consistorio geral, ou junta de providencia scientifica e litteraria, presidida por elle e composta de pessoas seculares e ecclesiasticas abalizadas em saber e notaveis pelas suas produções nos diferentes ramos que abrange o ensino, correspondendo-se esta junta directamente, e não por entremeio de inspectores ou commissarios geraes, com os chefes dos estabelecimentos que d'ella dependem, não entrando n'este numero os dois mui conhecidos gymnasios ou collegios de Leipsick que, pelos direitos de que ainda goza esta antiga cidade livre, são uns como isentos sujeitos a uma commissão mixta de ecclesiasticos e magistrados municipaes, caracteristica do poder na Saxonia, e n'outros estados da Alemanha, não se estendendo, porém, aquelle privilegio ao governo da universidade de Leipsick que está subordinada ao mencionado consistorio. A instrucção superior é dada na universidade de Leipsick, d'onde o marquez de Pombal tirou muitas normas para a reforma da nossa Athenas. A instrucção secundaria é a que se dá nos gymnasios ou collegios, sendo os mais celebres o de S. Nicolau, e o de S. Thomaz, que tem professores mais distinctos que o primeiro. O que, a meu ver, é muito mais digno de admiração são as escolas d'instrucção primaria, ás quaes, por uma lei penal, todos os paes são obrigados a mandar seus filhos desde que estes teem cinco annos de idade até chegarem aos quatorze. Nestas escolas existentes nas cidades, villas, e até nas mais pequenas aldeas, e que são vigiadas pelos respectivos parochos, ensina-se a ler, escrever, contar, o cathecismo, e outros conhecimentos uteis, como noções de historia natural, de physica com relação a alguns phenomenos mais communs da natureza, e de geographia e historia do paiz.

Passando, depois d'este bosquejo historico e estadístico, a fazer a descripção geographica e pittoresca da Saxonia Real, começarei por dizer que ella confina ao norte, oeste e leste com a Prussia, e ao meio dia com a Bohemia e a Baviera; e que o seu solo, banhado pelo grande rio Elbo e pelos visinhos Muzlitz, Werstritz, Edster, Pleiss, Mulda, Zschopa, Flohe, Roder, Sprée, e por um grande numero de lagoas, presenta duas bellissimas e diversissimas vistas no aspecto soberbo dos altos montes e dos umbrosos bosques d'Erzbirge, para a parte da Lusacia, e nos aprasiveis, ferteis, e mui bem cultivados valles cavados entre aquellas montanhas, em cujas raizes ha quatrocentas e dezoze mil abundantissimas de prata, cobre, ferro, e outros mineraes, fontes de riqueza e prosperidade publica, que derramam dinheiro sobre cincoenta mil operarios que ali se acham empregados, e onde, por ordem da nossa rainha D. Maria II, foram beber conhecimentos praticos os dois distinctos mineralogistas José Bonifacio d'Andrade e Manuel Ferreira da Camara, de quem ainda achei memorias em Freyberg.

As cidades principaes do reino de Saxonia são Dresde, que é a capital, e Leipsick.

Está a primeira vantajosamente situada na confluencia do Elbo e do Weisseritz, tendo sobre o primeiro uma soberba ponte construida em 1265, obra primorosa, que, tendo dezesseis arcos, mil trezentos e oitenta pés de comprimento, e quarenta e dois de largura, serve de communicação entre a cidade velha e a nova. Parallela a esta ponte corre, a pouca distancia e sobre o mesmo rio, outra não menos bella e mais moderna, que dá serventia para as vias ferreas de Leipsick e da Silesia, e para a estrada real de Bohemia. Ao entrar na capital da Saxonia pelo lado de oeste, a primeira coisa que se apresenta é a estatua equestre de Frederico Augusto o *Forte*, e, a poucos passos, vao-se dar á praça do paço, cujo edificio tem uma torre altissima, e é menos notavel na parte exterior do que na interior onde se admira a magnifica sala do



throno ornada de pinturas a fresco, de Bendemann. Da banda do sul ergue-se o chamado *Palacio Japonez*, cuja fachada tambem não é digna de nota, e onde, em tres grandes salas e vinte e uma mais pequenas do primeiro e segundo andar, se acha a bibliotheca real, que contém quatrocentos mil volumes, entre os quaes vi muitas obras raras, e o gabinete de antiguidades; ficando do lado opposto o delicioso jardim do paço, e perto d'elle a entrada para as duas vias ferreas de que fallei, passando a de Silesia por uma das melhores de toda a Alemanha. O que, porém, aqui excita mais a admiração é a praça do theatro, a mais larga e formosa de Dresde, e para a qual se entra pelo lado direito da murada real. Foi aquelle magnifico theatro construido segundo o risco dado pelo eximio architecto Semper, e inaugurado em 1841. Dos dois lados da entrada principal d'este edificio, onde mil e oitocentos espectadores podem muito à vontade ver as mais bellas peças dramaticas de musica, antigas e modernas executadas pelos melhores actores e cantores, ajudados de uma excellente orchestra, estão as estatuas de Goethe, de Schiller, de Gluck, e Mozart, esculpidas pelo elegante cinzel de Ritzsch, e, nos nichos do vestibulo, os bustos de Shakespeare, Molière, Sophocles, e Aristophanes: temo muito que este affincio de attenção, tão proprio de alemães, aos immortaes compositores que viveram n'outros seculos seja hoje em dia censurado na nossa terra, onde o antigo, ainda quando é optimo, já se não usa, e a moda, mesmo quando é pessima, parece bem. Na mesma praça onde tudo respira a idade-media (com isto se reconciliarão os nossos românticos com os saxonios), levanta-se e sublima-se, entre repuxos d'onde sobem ao ar escumosas espadanas d'agua, a estatua do magnifico e municipio eleitor de Saxonia e rei de Polonia Frederico o Justo, contemporaneo e emulo do nosso rei D. João v, e de Luiz xiv; alçando-se em face d'aquella memoria o novo museu das artes, edificio magestoso que, entre muitas e bellissimas pinturas dos mais insignes mestres das famosas escolas italianas, flamengas, francezas, hespanhola e alemãs, contém o mui fallado quadro da *Madona Xistina*, obra prima de Raphael d'Urbino. A esquerda do theatro está o grandioso templo catholico, construido em 1751 pelo risco traçado pelo grande architecto italiano Gaetano Chiaveri, e restaurado na parte interior em 1850, contendo, além do bellissimo retabolo do altar-mór, representando a Ascensão, e feito pelo delicado pincel de Raphael Mengs, muitos outros paineis do mesmo pintor, e um bellissimo orgão; podendo ir-se d'esta egreja para a residencia real por um bem construido passadizo. Um pouco á esquerda do paço encontra-se a, pode bem dizer-se, celebridade europea (que bom fóra que tivesse servido de modelo á comunicação que ultimamente se fez da rua de S. Bento para o largo das Côrtes), que eu passo a descrever. Uma escadaria de quarenta e um degraus conduz a um terrapleno feito de alvenaria, como em termos technicos se diz, *Cyclopéa*, e que, sendo escavado na base, tem na parte superior arvores gigantes, e o antigo e sumptuoso *Palacio da Bruhl*, mandado edificar pelo celebre conde d'este nome, ministro de Frederico Augusto, de quem já fiz menção, e coetaneo do Marquez de Pombal. N'um dos andares d'este palacio está a academia real das sciencias e a das bellas-arts, bem como as salas onde se faz a exposição dos productos da industria saxonia. No mesmo terrapleno, e um pouco mais ao norte do edificio de que acabo de fallar, está o chamado *Beledere*, construido no gosto moderno, e o passeio onde se reúne a sociedade elegante de Dresde. Um terrapleno mais elevado offerece aos passeantes um ponto onde elles podem desfructar juntamente as bellezas melodiosas de um concerto musical e as scenas encantadoras das margens pittorescas do Elbo. Acontecendo muitas vezes que a sonoridade das vozes e dos instrumentos seja interrompida pelo som agudo de uma sineta: levantando-se para logo os grupos, e correndo a uma baiastrada para verem chegar o barco movido por vapor que, vogando pelo rio acima, vem desembarcar os passageiros no caes subjacente, logram as lindas vistas da celebre quinta do bosque, e, mais ao longe, da não menos decantada fortaleza de Königstein, cujo zimborio se perde nas nuvens,

ambas agradavelmente assentadas na margem opposta do Elbo.

Além dos edificios, que deixo mencionados, ha nos quatro bairros da cidade velha, cidade nova, cidade de Frederico, e cidade d'Antonio, em que Dresde se divide, o templo protestante, antiga egreja catholica, que ainda conserva a invocação de Nossa Senhora, Frauen-Kircke, que tem um bello orgão e uma torre mui alta; os, pelo mesmo motivo, chamados de Santa Sophia, Sophien-Kircke, e da Cruz, Kreuz-Kircke, o primeiro dos quaes tem um soberbo portal, e o segundo um excellenteretabolo feito por Schonau; uma sinagoga construida segundo o estylo oriental; e chamada casa de campo bem que sita no coração da cidade, que tem uma bellissima fachada, e onde se fazem as sessões das duas camaras legislativas; o bem architectado palacio onde está a escola polytechnica; o arsenal do exercito, constando de varios corpos d'edificio separados, e não acabados, primeiramente destinados para residencia real; vendo-se na praça em que estão situados a estatua do eleitor Mauricio, que melhor era que fosse substituida pela do famoso marechal de Saxe que tinha o mesmo nome, e a quem a musa de d'Alembert consagrou os seguintes versos:

Rome eut dans Fabius un guerrier politique,  
Dans Annibal Carthage eut un chef héroïque;  
La France plus heureuse a dans ce fier saxon  
La tête du premier et le bras du second.

Ha mais o palacio do principe, que tem uma capella catholica, e na qual se vêem muitos e mui parecidos retratos dos principes e princezas das familias reaes da Saxonia e da Baviera, hoje tão entrelaçadas pelo vinculo do parentesco: o palacio appellidado do principe Maximiliano; o edificio onde d'antes estavam as cavalharices reaes, hoje transformado em galeria de pintura; o magnifico museu historico e ethnographico; e finalmente a casa chamada — das grüne-gewolde, ou jazigo verde, onde se guardavam muitas preciosidades da corôa avaliadas em alguns milhões de florins, as quaes, ao que ouvi, passaram para outro local.

Nos arredores de Dresde, ha, além da fortaleza de Königstein, ou *Gibraltar saxonia*, que já mencionei, a pequena e linda casa de campo d'el-rei denominada — villa do Elbo — e, á entrada da paragem a que deram o nome de Suissa-Saxonia, o paço e quinta de Pilnitz, onde jantei no dia primeiro de Junho de 1839. Ao correr as salas d'aquelle palacio suburbano, onde setem passado tão curiosas e instructivas scenas, mostrou-me o então principe e hoje rei João a camara terrea onde, em 1791, Calonne, Spielmann, Bisehofwerder e o marechal Lasey redigiram a famosa declaração convida entre o imperador de Alemanha Leopoldo II, Frederico III rei de Prussia, e o conde de Artois depois rei de França, que ali tiveram para esse fim uma entrevista, na qual se estabeleceram as bases da primeira coalizão contra a França. Ao deixar este sitio delectavel, cuja povoação alegre e contente não tem todavia o chiste e a graça rustica dos suissos e da nossa gente salaia, não pude deixar de notar o grande augmento de prosperidade material da cidade de Dresde, cuja importancia data do principio do seculo passado em que o industrioso chimico barão de Boeticher, que fazia parte da corte do eleitor de Saxonia e rei de Polonia Frederico Augusto, fez, pela combinação de diferentes qualidades de terra, a primeira fabrica, que houve na Europa, de loiça imitando a que se faz no Japão e na China, a que se chamou porcelana, nome que os portuguezes deram áquelles vasos que elles exportaram da Asia, e de que o celebre viajante Marco-Polo foi o primeiro que fez menção na sua Relação das Maravilhas do Mundo por elle vistas: recordando eu ao sair de Dresde o triste fim que ás portas d'esta cidade teve em 1813 o general Moreau, cuja estimavel familia estava então, como eu, captiva em Bordeaux.

Passarei agora a descrever a cidade de Leipsick, berço do mathematico Kaester, do theologo Teller, do historiador Fabricius e dos philosophos Thomassius e Leibnitz, e asylo de Schiller que, nos seus suburbios, compoz a sua tão fallada Revista litteraria intitulada *Thalia Rhenana*, e muitas poesias

cheias de graça e harmonia, recordações interessantes que o meu sabio e amavel companheiro de viagem barão Alexandre de Humboldt me fazia com a sua natural viveza ao entrarmos, em 12 de Junho de 1830, n'aquella cidade. Está ella agradavelmente situada no ponto onde se juntam os tres riosinhos Eister, Pards, e Pleiss, que tem sua fonte nas montanhas d'Erzberg. Tem Leipsick, que é o centro do commercio interno e o emporio das letras na Alemanha, sessenta e nove mil novecentos e oitenta e seis habitantes, uma mui acreditada universidade de que já fallei, frequentada por perto de novecentos estudantes, onde no seculo passado ensinou o illustre philosopho Garvo e aprenderam direito Heinecken grande estadista e o insigne poeta Goethe que eu tive o gosto de conhecer em Weimar. Tem tambem aquella cidade um seminario onde se cultiva a sciencia philologica, varias escolas de latim, uma academia de desenho, um instituto de surdos e mudos, diversas sociedades scientificas de historia natural, de economia politica e rural e de mineralogia; uma quantidade de ourivesarias, muitas fabricas de veludo, de seda, de meias, de chapéos, d'oleados, de instrumentos de musica, de pergaminho, de fiação de oiro e de prata, e não poucas de chitas.

Ha n'esta cidade de actividade, d'especulação e de verdadeiro progresso, além de bastantes depositos que ali tem os principaes bibliopolas alemães, cento e dois livreiros do paiz que, desde 1835, tem lá uma praça em que só se tratam negocios concernentes a este ramo de commercio denominada *Buchandlerborse*: fazendo-se, em cada anno n'esta cidade tres grandes feiras, uma no primeiro do anno, outra, só de livros, na Raschoa, e a terceira em 21 de Setembro.

Como seria grave omissão não dar n'este artigo monographicamente uma breve noticia da familia real de Saxonia, ha mais de dois seculos aparentada e hoje ainda mais ligada com a augusta Casa de Bragança, direi que ella se compõe actualmente de doze membros, a saber: el-rei João, naturalmente benefico, mui erudito, e particularmente dado ao estudo das sciencias physico-mathematicas: a rainha Amelia Augusta de Baviera, sua esposa, cheia de affabilidade e benevolencia: o principe Alberto, primeiro fructo d'este matrimonio, e casado com a princeza Carolina de Wasa, neta do antigo rei de Suecia Gustavo Adolpho: a princeza Isabel, irmã do principe real, casada com o herdeiro da corôa de Sardenha: seu irmão o principe Jorge e sua excelsa consorte a nossa bella e amavel infanta D. Maria Anna: as princezas Sidonia e Sophia, irmãs d'estes principes: suas duas tias a princeza Augusta, filha do rei Frederico Augusto, senhora de grande entendimento, e a princeza Amelia, irmã de el-rei, cujas composições dramaticas, escriptas sem presumpção nem vaidade, são tão gabadas em toda a Alemanha: restando-me fallar da rainha Anna, viuva do rei Frederico, irmão mais velho do rei reinante, e que morreu sem deixar successão, irmã da rainha Amelia, e que corre parrelhas com esta nas boas prendas com que a natureza a dotou.

Concluirei este artigo com os dois extractos curiosos que seguem.

No tomo VII da historia genealogica da casa real portugueza lê-se esta noticia. « Em Fevereiro de 1688, chegou a Lisboa incognito o principe Jorge da Saxonia (o autor enganou-se no nome, pois que a pessoa de que trata foi o principe Frederico Augusto depois eleitor de Saxonia e rei de Polonia) que veio a succeder a seu irmão no ducado e eleitorado da Saxonia, e depois foi o famoso rei Augusto II de Polonia, e pedindo audiencia pelo secretario d'estado a el-rei, á rainha, e á senhora infanta D. Isabel, el-rei lh'a deu na sua camara aonde o conduziu o Marquez de Marialva, gentil-homem da camara de semana, que o foi receber ao topo da escada do paço; o seu coche entrou no pateo do paço, e a guarda dos archeiros lhe tomou as armas e levando-o o Marquez á sua mão direita até á camara d'el-rei, onde se achava o conde de Santa-Cruz, mordomo-mór, e o conde de Viana, estribeiro-mór, que saíram para fora tanto que o principe chegou á presença d'el-rei, ficando todos á porta da camara. El-rei estava em pé com o chapéo sobre um bofete, e, tanto que chegou o





S.A.R.A SNR.ª D. MARIA ANNA INFANTA DE PORTUGAL

*e Princesa de Saxonia.*





S.A.R. O PRINCIPE JORGE DE SAXONIA.



príncipe, deu tres passos a recebê-lo, e n'esta forma lhe fallou, sendo interprete o padre Leopoldo Suefs, confessor da rainha. El-rei o recebeu com muito agrado, dando os mesmos passos quando se despediu: o Marquez de Marialva o conduziu á presença da rainha, e infanta, que estavam na casa interior da ante-camara, e ambas deram os mesmos passos que el-rei; na casa de fora se achavam os officiaes da rainha, e infanta, as suas camareiras-morés, senhoras de honor, e damas. Acabada a audiência, o Marquez de Marialva o conduziu ao mesmo lugar em que o recebeu. Depois teve audiência mais particular da rainha, e o conduziu o conde barão de Alvim, vedor da casa da rainha, com a mesma cerimonia que o Marquez de Marialva; ultimamente teve audiência de despedida, em que se praticou o mesmo. Sempre fallou á rainha em alemão, e ella lhe respondia na mesma lingua, e n'esta audiência comprimintou a infanta em francez em que ella lhe respondeu. Foi ver a torre de S. Gião, onde o salvaram com treze peças, e receberam com todas as honras militares: passou a Cintra a ver o paço, e aquelle agradável sitio. Mandou-lhe el-rei uma joia de diamantes de grande preço para o chapeo, a qual elle recebeu como favor especial; e mostrando gosto de um cavallo dos da pessoa de el-rei, o estribeiro-mór lh'o mandou com uma rica manta. Desejou muito el-rei e o príncipe terem occasião de poderem exercitar as extraordinarias forças e agilidade em que ambos não tinham, entre os particulares, quem os egualasse no mundo.

Eis aqui o outro extracto tirado do tomo II das memorias e correspondencias de Mallet du Pan.

«Fallando n'uma occasião o conde de Woldstorff ministro do eleitor de Saxonia e rei de Polonia Frederico Augusto III, homem que debaixo de uma casca grossa tinha muita viveza, das suas viagens, e fazendo algumas observações mui judiciosas acerca d'Italia, Inglaterra, e Hespanha, mas não dizendo uma só palavra de França por onde tambem tinha andado, notou-lhe isto o cavalheiro d'Aumond, encarregado de negocios de França em Dresde, ao que o conde, como que despertado, exclamou: Ah! quanto á França contarei que diz o nosso Evangelho que, quando Deus creou o mundo, e fez das bellas provincias que a compõem um só imperio, não faltou quem lhe dissesse que um tão grande estado absorveria todos os outros; ao que Deus respondeu que já não podia tornar atraz, visto que os seus decretos eternos e immutaveis não podiam ser suspensos; devendo, portanto, a França ficar tal qual elle a tinha feito, podendo apenas e em compensação permitir que o juizo desse aquella terra volta algumas vezes.

MARQUEZ DE BESENDE.

### Saudação

A SUA ALTEZA A SERENISSIMA SENHORA INFANTA  
D. MARIA ANNA NA OCCASÃO DA SUA SAÍDA  
DE PORTUGAL.

Cobre de lucto a face ó patria minha,  
Que um fructo da arv're de Bragança,  
Comtigo chorará quando tu chores!  
Ainda mesmo de longe é tua filha,  
E' mãe sincera, irmã amiga, e doe-lhe  
A dôr da ausencia que com ella sentes.

Não vês a lusa Infanta que inda ha pouco,  
Olhava o povo seu a toda a hora,  
Porque livre como elle aqui nascera,  
Em solo portuguez tão bello e puro?!  
Eil-a, eil-a, já vae cortando as aguas,  
Que os laços nupciaes a tanto a obrigam,  
Deixando o coração em ti, ó patria,  
Que é teu o coração da Infanta esposa!  
Que magoas não retalham aquell'alma,  
Sem ter um companheiro na derrota,  
Que falle o mesmo idioma que ella ouvira

Nos contos, que na infancia lhe contaram!  
Sem ter um portuguez que lhe minore,  
Com mais saudade ainda, a que Ella sente!  
Ó patria vêde-a triste e pensativa,  
Deixando o coração pulsar mageado,  
Volvendo meigos olhos para a terra,  
Que de berço serviu ao nascimento,  
A dizer-lhe um adeus com phrases d'alma  
Que todos, portuguezes, entendemos!  
Aqui deixa o autor da sua vida;  
Os irmãos que com ella na innocencia,  
Brinquedos infantis então brincavam;  
Aqui deixa um povo seu amigo,  
Que falla a mesma lingua que Ella falla;  
Deixa o ceo portuguez, a brisa amena  
Das noites de verão na nossa patria;  
Deixa a lua soberba e magestosa;  
Do Tejo deixa as margens que ella beija:  
Novos climas vae ver, ver novos mares,  
E cada som que ouvir, e cada phrase,  
E cada gesto, emfim, maior saudade  
Da terra que deixou lhe leva á alma.  
Tu que ingrata não és, ó minha patria,  
Pranteia esse teu fructo que cedeste  
Para ir plantar-se em estranha terra!  
Dirigo-lhe teus votos com a brisa;  
Nas azas do pensar leva-lhe perto  
A saudade que sentes tão intensa;  
Dirige-lhe um adeus, pede-lhe volva  
A, um dia sequer, ver estes plainos,  
Este berço d'heroes onde nascera.

Cobre de lucto a face, ó patria minha,  
Que um fructo da arv're de Bragança,  
Comtigo chorará quando tu chores!  
Ainda mesmo de longe é tua filha  
E' mãe sincera, irmã amiga, e doe-lhe  
A dôr da ausencia que com ella sentes!!!

Lisboa, 25 de Maio de 1859.

ANTONIO MARIA GARCIA JUNIOR.

### Quadras historicas.

II

#### O ISLAMISMO.

O christianismo engrandecia-se. Os apóstolos, espalhando-se pela terra, tinham ido procurar convertidos ás mais longinquas regiões. Constantino, quando subiu ao throno imperial de Roma, collocou a Igreja sob sua protecção, mandando mesmo adoptar a religião christã nos dominios do imperio, já então enfraquecido, ou quasi aniquilado, no occidente.

A monarchia de Clovis alongava as suas fronteiras; Veneza, sentada sobre o mar Adriatico, florescia sob uma intelligente republica. A Inglaterra repoisava no dominio anglo-saxonio das tormentas de varias e consecutivas invasões. Sizebuto apagava na peninsula hespanica os ultimos clarões do poder de Roma. O anno 622 do nascimento de Jesus Christo findava, quando na Arabia começou a fazer-se notavel uma seita religiosa, que se erguia ameaçadora, e cujos fundamentos um habil impostor estabelecera em contradicções repugnantes.

Esta nova religião era o islamismo. Nascido em Meca, na Arabia, Mahomet, o autor da nova crença, encetara a sua vida social no commercio do oriente; mas a obscura vida de negociante não era para satisfazer-lhe as ambições, que tomavam cada dia maior vulto na sua alma. Espírito verdadeiramente varonil, afoito, e emprehendedor, não podia limitar-se na apertada área, que a sua profissão lhe circunscrevia. Sedento de riquezas e de engrandecimento, e sem nunca ter

encontrado verdadeiras vantagens na vida commercial, concebeu um astucioso e arrojado plano, cujo resultado devia fornecer-lhe os meios de satisfazer todas as ambições que o consumiam.

Fez-se propheta de Deus. Na nossa epoca, esclarecidos pelas luzes da philosophia racional, teriamos como louco o homem que quizesse arrogar a si esse milagroso papel. Mas n'aquelles tempos de ignorancia e credulidade, os resultados eram outros: o martyrio, ou a soberania. Ou morreria despedaçado pela multidão supersticiosa, cujos principios religiosos quizesse atacar e destruir; ou fazer-se-hia acreditar inspirado, e escolhido por Deus, e grangearia a soberania que exerce, ainda hoje, sobre as massas o prestigio religioso.

Mafoma não tremeu, porém, ante os obstaculos. Perseverante e atrevido, poz em pratica o projecto de reforma que intentara, e que devia dar-lhe o esplendor de uma corôa, ou a ignominia do condemnado.

O paganismo era, com pequenas alterações, a crença dos arabes. A Igreja ainda lá não chegara vencedora para despedaçar os idolos, e erguer triumphante a cruz sobre as ruinas dos altares pagãos. Mas, apezar d'isso, o povo, em presença da revolução que o christianismo ia operando no mundo, parecia achar-se disposto a recebê-lo. Por isso Mahomet começou abolindo toda a similitude da idolatria, não admitindo nem mesmo a representação divina em imagens, como na religião catholica. O falso propheta foi previdentissimo em tudo.

Reconhecendo a indole dos orientaes, e a influencia que o ardente clima d'aquellas regiões exerce sobre a organização dos homens, estabeleceu sobre ellas a nova religião.

Protegendo o deleite e a voluptuosidade, Mafoma lisonjeava os instinctos d'aquelles povos, e abria melhor caminho para o conseguimento dos seus fins. Uma religião de pureza dictada aquelles homens de natureza sensual, de imaginação ardente, abortaria ao nascer. O islamismo, porém, triumphou. Em breves annos o koran conquistou neophytos em todo o Oriente; e entre o fragor das batalhas, foi arvorado victorioso o crescente.

Do fundo de um eremiterio, em Meca, Mahomet formulou os primeiros absurdos da sua religião, para depois, á força d'armas, e em pleno dia, obrigar os povos a receber o islamismo.

Reunindo a si a multidão de proselytos, que o Koran ia chamando ao gremio dos mahometanos, o propheta consegue organizar um exercito temeroso, que leva o terror e a desordem a toda a Arabia, e desce, mais tarde, vencedor até aos confins do Occidente.

General habil, como fóra astuto inventor, Mafoma, embriagado pelas primeiras victorias, avança destemido e audaz no caminho da conquista,

À frente do seu exercito, pregando ás valentes legiões os falsos mandados de Deus, apromptando-os para o martyrio pela promessa de uma eternidade de prazeres torpes, e pelas doutrinas fatalistas da sua religião, Mahomet accomette as hostes aguerridas dos seus inimigos, á vezes em maior numero, e derrota, e persegue, propondo a conversão ou a morte.

Coberto do prestigio das glorias militares, vae cada dia adquirindo mais renome, e atrahindo pela admiração maior numero de discipulos, saídos dos diversos cultos que então existiam.

E' assim que o propheta propaga o islamismo. E' em memoria d'estes grandes feitos d'armas, que os sacerdotes do koran pregam as suas homilias com o alfange na mão. Foi assim que elle e seus descendentes espalharam no globo o seu dominio. Foi assim que elle fundou o grande imperio, chamado depois dos khalifas.

General de um exercito immenso; senhor em corpo e alma de todos os seus soldados; conquistador de quasi toda a Arabia e Persia, Mahomet vê-se elevado ao zenith das glorias que ambicionara. Tudo se vae dobrando ao seu poderio. Os principes reclamam a sua alliança. Roma imperial, a senhora do universo, curva as suas aguias perante o estandarte do imperador do Oriente!

No apogeu da gloria; vendo o seu dominio estabelecido em toda a Arabia, e na maior florescencia a religião que creara, Mahomet expira ao cabo



de onze annos de victorias e consecutivas felicidades.

Mas a morte d'este homem não é a destruição do imperio nem do islamismo. A crença continua a propagar-se; as glorias d'aquelle vasto genio proseguem em todos os guerreiros do islam; o fanatismo que os arrojava, sob o commando do propheta, á face dos perigos, não desmepre; a cega crença no destino não lhes extingue a temeridade com que, no calor da peleja, se arremessam ao inimigo, ferozes, diabolicos, quasi invenciveis.

Aboubeker, imperador e pontifice, succede no throno a Mahomet para continuar o engrandecimento do imperio. As suas hordas penetram vencedoras em Damasco. O Libano e o mar extremam o novo paiz conquistado.

Ufanos por estas glorias, os sarracenos seguem no caminho de suas felizes conquistas. Toda a Persia cae no poder dos musulmanos. O grande imperio, cujos fundamentos lançou Mahomet, nada perde com os seus successores, que o augmentam de reinado em reinado.

E' assim que a religião de Mahoma se propaga. As armas conseguem o que a persuasão não pode alcançar. O estandarte do islamismo chegou até ao Occidente, e tremulou sobre as ameias das fortalezas christãs; mas para isso foi necessario que abi fossem craval-o, de cimitarra na mão, os guerreiros vencedores. Nos altares do Redemptor do mundo eleva-se ufano o crescente; mas no coração dos vencidos fica o verdadeiro santuario, onde se conserva firme a crença do Golgotha! Os sarracenos invadem a peninsula hespanica; constroem mesquitas; vangloriam-se da propagação do mahometismo; mas os guerreiros da reconquista mostram ao mundo absorto que o christianismo, subjugado pela força, resistindo ás provações da miseria e do dosterro, cresce, e vivifica-se nas cavernas subterraneas dos rochedos de Covadonga!

Taes são as glorias ephemerhas da religião de Allah! Taes são os verdadeiros tropheos do christianismo!

As victorias successivas dos musulmanos illustram as paginas da historia arabe. As glorias militares d'esses conquistadores offuscam mesmo, pelo demasiado brilho, as ferocidades com que firmaram o seu dominio. Mas os continuos e variados esforços dos vencidos para repellirem a invasão sarracena, são uma das mais bellas scenas do grande drama da humanidade. As rebeliões, tantas vezes tentadas, e quasi sempre afogadas no sangue dos martyres da liberdade e do christianismo; o amor da patria, firme e immenso, reagindo contra o jugo dos estrangeiros; o valor com que os filhos da Egreja tentam, mais de uma vez, a restauração da cruz, são feitos d'opprimidos que excedem a gloria dos oppressores.

No reinado de Valid I os sarracenos penetram na nossa peninsula. Roderico, fraco, voluptuoso, e incapaz de offerecer resistencia ás armas moiricas, vê a sua coroa despedaçada rolar pela terra da patria. O crescente destroe a primeira monarchia gothica, e corre vencedor á Asia e Africa.

Carlos-Martel, o heroe da epoca, impõe respeito aos sarracenos, que, senhores da Iberia, querem atravessar os Pyreneos. As planicies de Tours presenciavam uma grande derrota nos exercitos do islam. O imperio dos Omniadas acaba. Mas Abderraman, escapa ao supplicio da familia dos antigos pontifices, funda na Hespanha um estado florescente. Almanzor, filho do vencedor do ultimo dos Omniadas, edifica Bagdad, e estabelece ahi a sede da civilização universal.

O desejo de satisfazer os mandados do propheta sobre a propagação do islamismo, não permite que os sarracenos se conservem quietos nos seus dominios. Constantinopola é sitiada; e os moiros prepararam-se para novas conquistas.

Mas a aurora da independencia dos povos raiou enfim. O astro de felicidade, que fulgia para os musulmanos, começa a correr para o occaso.

Em Hespanha, o famoso Pelagio, saindo das montanhas das Asturias, com um punhado de christãos fodos, fugitivos mas valorosos, accommette os sarracenos. Os vencidos do Chryssus, avezados aos combates, entusiasmados pelo santo amor da patria, e da independencia, n'um esforço sublime de constancia e coragem, derrotam os moiros, cercam

rei d'Oviedo o duque de Cantabria, e estabelecem, com os principes christãos da peninsula, a união, que deu mais tarde em resultado a completa expulsão dos sarracenos da Hespanha.

Assim os musulmanos, depois de terem asombrado a terra com suas gloriosas conquistas, foram enfraquecendo pouco a pouco. Os christãos colligados destroem-lhe o poder. A meia-lua, que se elevava triumphante sobre os minaretes das mesquitas occidentaes, abate-se ante o symbolo sagrado do christianismo.

As armas do islam experimentam revezes successivos. A decadencia do imperio segue com incrível rapidez. A sua mesma civilização, primeira n'outro tempo, detem-se, para deixar passar a civilização do Occidente.

A cimitarra moirica faz-se pedaços contra os elmos dos christãos. O anjo das batalhas, que cobria o crescente com as azas, desampara-o. A boa estrella de Caleb e Tarik offuscara-se para sempre!

A espada do Cid e o terror dos filhos de Mahomet. O valor de João Hunyadi enfraquece o poder dos turcos. Godofredo de Bouillon e as cruzadas preparam a queda do dominio sarraceno.

Como se vira o islamismo crescer em esplendor, conduzindo as suas armas vencedoras a todas as partes do globo, tal o vemos descer os degraus d'essa poderosa e brilhante prosperidade. Os seus exercitos, vencedores dos gregos e romanos, são aniquilados pelas armas christãs que, fazendo-os recuar palmo a palmo no terreno conquistado, os estreitam na área do seu primitivo dominio.

Deus destroe a seu gosto o orgulho dos homens! Facilmente uma nação é riscada de sobre a terra quando os decretos da Providencia o ordenam. Nem Babylonia, orgulhosa das suas grandezas, se livrou de cair á voz do Senhor; nem Roma, soberba do seu poder, pôde esquivar-se a ficar esmagada sob as ruinas do edificio das proprias glorias!

Dissera-o o Senhor: a sua vontade cumpriu-se. Assim foram destruidos os imperios do Oriente. Assim haode abater-se os colossos, quando o termo do seu esplendor fór assignalado pelo dedo da Providencia no seu livro mysterioso!

Tal é a sorte de todas as grandezas mundanas! N'estas luctas continuas, o islamismo tem perdido tudo. Hoje, só rico de gloriosas recordações, encara com saudade a sua grandeza passada. O futuro... esse é de Deus.

Entretanto, quem sabe se ainda esses restos do grande e famoso imperio serão engulidos pelos gigantes que o rodeiam? Quem sabe se estes, sentados sobre as ruinas do throno dos Osmanlis, disputarão, estrangulando-se, o cadaver da sua invejada presa?!

A. H. D'OLIVEIRA PIRES.

### O spleen.

(PAGINAS DO MEU ALBUM.)

De todas as doenças moraes, susceptiveis de affligir o espirito humano, é sem duvida esta a peor, e a de mais funestas consequencias.

O estado da alma presa do spleen, comparalohiamos, se coubesse no possivel dar forma ao espirito, ao mar em calma, sobre cuja superficie immovel e estagnada não se desenha nem uma ruga, em cuja atmosphera tão immovel como as aguas dormentes não se agita uma aragem sequer, onde em tudo, finalmente, reina o silencio e a quietação da morte!

Ora, para o navegante, as calmas são contratempos mil vezes mais horribes e desesperadores, do que as grandes borrascas, ou vendavaes desfeitos: temem elles mais quasi sempre pelas consequencias das primeiras, do que pelas dos segundos. Estas se muitas vezes acarretam consigo a morte, ao menos é rapida e decisiva; aquellas quando a trazem, o que é muito commum, só a idéa d'ella faz tremer e vacillar o animo mais corajoso.

Um perigo visivel e palpavel é sempre menos receado e temido do que um perigo vago e desconhecido.

Assim, pois, para o homem, o spleen deve ser cem vezes mais horrivel e afflictivo do que todas

as tempestades do coração, que possam levantar-se do mar das paixões.

E a razão é obvia. As tempestades do coração são a vida, a desordem, a confusão, o movimento, as commoções violentas, a lida temerosa e sangrenta das paixões debatendo-se; o spleen é, por assim dizer, — se me admitem a comparação, — a catalepsia d'alma, a apathia total, a indifferença completa... E' o estado lethargico do espirito durante o qual todas as suas faculdades se paralyam; é o turpor, é a morte; mas a morte em vida, a morte prolongada, a mais cruel de todas as mortes, porque é interminavel!

Um homem atacado pelo spleen, é um cadaver com falla e movimento; um automato, e nada mais! Se quer raciocinar, a intelligencia embotada nega-lhe os raciocinios; se pretende meditar, as imagens do passado, que poria em trazer á memoria, dispersam-se no cerebro, e vão-se-lhe tornando em pouco vagas sombras, em vez de se agruparem e tomar vulto, e por fim desvanecem-se de todo como fumo espalhado pela atmosphera. A imaginação é-lhe um cahos. Um unico pensamento, bem funesto, lhe assiste n'essas horas de inaudita apathia — o suicidio.

A morte é sempre o pensamento que campeia n'aquelle devastado campo da imaginação; pensamento que, infelizmente, é levado á execução pela maior parte das vezes. E' porque o suicidio é o unico meio, que se apresenta á vista do homem, capaz de fornecer alivio áquelle grande mal; a morte torna-se então o despertar d'aquelle horrivel pesadelo, durante o prolongamento do qual o espirito do individuo jaz em um estado perfeitamente lethal.

De todos os seres humanos que povoam este mesquinho globo a que os geographos e astrónomos combinaram em chamar terra, o mais accessivel ao spleen é o grave e taciturno filho da Grã-Bretanha.

O estado spleenico é quasi, por bem dizer, o estado normal do inglez. N'aquelle prodigiosa terra, é tão vulgar o spleen como o classico *roast beef*, a cerveja, e o proverbial podim de cebo, que Deus me defenda de provar.

A alma do britanico durante esta crise, é a imagem viva do ceo do seu paiz, sempre plumbeo, quasi desprovido de luz, permanentemente embaciado pelas nuvens de fumo de carvão de pedra, e por onde, dias inteiros, semanas, e até mezes, não se cõa um raio de sol. Isto faz-nos crer que o estado ou a temperatura da atmosphera exercem grave influencia sobre o espirito do povo que a respira.

Debaixo do ceo peninsular tão puro e transparente, e sob os raios de um sol tão esplendido e vivificador como o nosso, o spleen é quasi impossivel. Um portuguez, um hespanhol, um italiano com spleen é tão raro de encontrar-se como um inglez sem elle.

O espirito tem de impressionar-se necessariamente dos objectos que o cercam.

Aqui, sob este formoso ceo das Hespanhas, onde toda a natureza respira vida, amenidade e louçania; onde o sol é tão puro, a atmosphera tão transparente e balsamica, o solo tão fecundo, era uma anomalia o querer encontrar como distinctivo caracteristico no genio do nosso povo a taciturnidade e a insipidez; em quanto que na Inglaterra, onde a natureza é a perfeita antithese da nossa, isto é, rachitica; onde tudo é árido e glacial como os gelos que corream o cume de suas montanhas, seria quasi um paradoxo, se a jucundidade, a lhaneza e a docilidade formassem a base do caracter de seus habitantes.

Contudo nenhuma das classes da sociedade em Inglaterra é tão sujeita aos funestos effeitos d'esta epidemia moral, como a classe alta, e a abastada. O spleen vem sempre com o sangue azul, os pergaminhos, e os avultados capitães.

O inglez é, por via de regra, amigo de trabalhar, activo e diligente; que o digam as cotoveladas, as pisadellas, e empurrões com que se mimoseiam mutuamente a cada passo nas estiradas ruas de Londres; os grossos e negros novellões de fumo vomitados perennemente de milhares de chaminés de outras tantas fabricas e estabelecimentos de industria da capital do mundo; o susurrar continuo de centenares de machinas a vapor que povoam essas



officinas; e se isto não é sufficiente, que o attente a historia d'estes dois ultimos seculos, que o attemtem todos os mares do globo que tem gemido e gemem constantemente debaixo de suas naus e paquetes, que o digam a Australia as Indias a China etc etc.

Diziamos nós que o inglez das classes inferiores da sociedade é em geral menos attreito ao spleen do que o das classes mais elevadas; e isto porque o ocio, e o pleno gozo de todas as necessidades e prazeres da vida, que fornecem os grandes capitães, concorrem muito mais para a apathia, a indifferencia, e a aniquilação das faculdades moraes, do que a labutação, as lucubrações, emfim o trabalho, e o desejo que todos mostram de satisfazer o maior numero das necessidades da vida. D'aqui vem que nas estatisticas dos suicidios em Inglaterra, avultam sempre mais os favorecidos da fortuna, do que os que, abandonados por ella, teem de procurar no trabalho os meios de subsistencia, e a distracção.

E' uma velha maxima moral que a ociosidade é a fonte de todos os males humanos, a origem d'onde emanam todas as desgraças, a causa d'onde provém todos os funestos effeitos para o homem: n'este numero pode muito bem entrar o spleen, que é uma verdadeira desgraça. Desgraça irremediavel! Veneno que corroe todas as fibras d'alma, e para o qual não ha antidoto.

O spleen traz consigo a misanthropia, o isolamento, a aversão ao proximo, e até aborrecimento a si mesmo.

E' este ultimo que leva quasi sempre o homem a lançar mão do suicidio, como do unico meio para se descartar de um fardo pesado e incommodo, que lhe custa a supportar—a vida.

O inglez com todo o seu demasiado orgulho nacional, com toda a sua extravagancia e excentricidade de costumes, bisonheza, e com todos os seus ridiculos; emfim, o inglez puro sangue, ludibrio de todas as modas e zombarias, alvo dos escarneos, e satyras mofazes de todas as nações: o verdadeiro inglez, isempto do spleen, atura-se e releva-se, ainda assim apesar de todos estes accessorios desagradaveis que o acompanham, e que parecem o effeito de uma pronunciada aberração da natureza. Com o spleen, tanto o inglez como qualquer outro ente humano, creio exceder do possível o atuar-se.

Ninguém confunda o spleen com a melancolia, ou mesmo com a tristeza. Labora em um erro quem assim o classifica; são coisas muito oppostas: totalmente differentes.

Melancolia, (assim como o spleen) nasce ás vezes com o individuo e forma uma parte da sua indole. Longe de ser uma paixão violenta, é um sentimento doce, muitas vezes o pungir de uma saudade perpetua e suave, que nos doe n'alma eternamente, e que não ha meio, nem distracções possíveis de a esvaecer. O spleen é a morte d'alma, o somno lethargico em que se mergulha, o esquecimento de que se existe!

Leitor, dou-vos um conselho; não aspiro a que m'o agradeças; mas tambem espero que não vos escandalisareis com elle: se sois muito peccador, e vos derem para remissão dos vossos peccados uma penitencia, da qual a escolha esteja no vosso arbitrio, appellaes para todos os tormentos possíveis, e impossíveis mesmo, optae pelo supplicio de Tantaló, ou por outro peor ainda se o houver; mas não vos inclineis nunca para este terrivel flagello; não queiraes que elle tome conte do vosso espirito, e fugi mesmo do contacto d'aquelles que são accessiveis a esta doença incuravel, porque o mal não deixa de ser contagioso.

Acreditaes na sinceridade e boa intenção do meu conselho, ainda que vos pareça exaggerado quanto acabo de dizer; crede que se assim fallo é com conhecimento de causa.

H. V. D.

Não ha insignificancia, que não possa ter valioso prestimo.

Quem retribue injuria com injuria, quer castigar o crime alheio com o proprio crime.

## Memórias do coração.

ROMANCE-HISTORIA.

### Conclusão.

SEGUNDA PARTE.

Eduardo, momentos depois, estava em casa de D. Julia de Castro.

Maria, sobresaltada pela inesperada visita de Eduardo, previa n'ella alguma coisa de extraordinario e triste que a affligia. Violante em vão tentava consolal-a. De quanto podia conjecturar, o que menos verosimil lhe parecia era que Eduardo a fosse pedir. E se tal acontecesse, que faria ella em presença do não redondo, que já lhe parecia ouvir dos labios de sua mãe? Que idéa daria então de si a Eduardo, ou que idéa daria de si a sua mãe?

— Não é possível, murmurava ella no seio de Violante, onde se refugiara; eu disse-lhe que me prendia um juramento. . . e que de modo algum me resolvia a perjurar.

Entretanto Eduardo, recebido no gabinete de trabalho de D. Julia, demorava-se havia já uma hora. Foi outro tanto tempo de supplicio para Maria. De repente, ouviu-se o som agudo da campainha chamando algum, e foi dada ordem á criada para chamar Maria, que, amparada por Violante, desceu tremendo os degraus do seu quarto, e foi apoiar-se, quasi suffocada, na hobreira d'uma porta.

— Coragem! Coragem! dizia-lhe Violante ao ouvido. Concluir com um acto de fraqueza d'espirito, seria uma saída de seideiro!

Maria passeou um momento pela casa. Tinha as mãos frias e humidas; uma como nuvem nos olhos; sentia frio: soffria um terrivel ataque nervoso, que em breve se lhe manifestou nos baques da cabeça, precursores de tormento maior. Mas encheu-se de resolução, e entrou no gabinete de sua mãe.

Eduardo levantou-se para cumprimental-a. D. Julia, impassivel, olhou para a filha, e disse-lhe, sem alterar a voz:

— Minha filha, Eduardo acaba de pedir-me a tua mão. Queres?

E a palavra *queres* foi dita com tal expressão, e accento, como se intentasse recordar-lhe quanto em familia se tinha passado, e o odio que votava a Eduardo.

Eduardo esperou com heroismo a resposta. Temendo morrer de felicidade, revestira-se de toda a sua força de espirito; mas o tempo que mediava entre a pergunta e a resposta começou a sobresaltal-o. Percorreu-lhe o corpo um frio intenso; o coração principiou a pulsar-lhe mais apressado do que permitia o movimento dos pulmões; sentiu dobrarem-se-lhe os joelhos, e encostou-se a uma consola. Conheceu então quanto, no meio das mais energicas resoluções do pensamento, o animo é fraco para realisa-las.

Maria respondeu finalmente:

— Admira-me que Eduardo tomasse similhante determinação, sem eu o autorisar! Não quiz poupar-me a este ultimo desgosto! . . .

— E' preciso responder, minha filha. Disse D. Julia.

— A minha resposta não pode ser favoravel! . . . E se me permite. . .

La ausentar-se. Ouviam-se os ultimos sons d'um relógio dando as dez horas. O quarto encheu-se de repente do reflexo vermelho d'algum prédio proximo que ardia.

— Fogo! Gritaram ao mesmo tempo D. Julia e Maria.

— E tão proximo! . . . continuou D. Julia. Ah! vê-se d'aqui. . . E' na casa que se tinha renovado, e que segundo me disseram estava muito bem mobilada. . . Jesus! terá gente? . . .

— Não, minha senhora, respondeu Eduardo com fatal socego. Aquella casa tinha sido comprada, renovada e mobilada para receber uns noivos.

— E então? . . .

— Faltam os noivos. . . destroe-se a casa.

Maria, ao clarão do incendio, desfallecida nos braços de sua mãe, que, vestida de preto, se conservava impassivel, apresentava n'esse momento o quadro de uma virgem adormecida nos braços da morte.

Eduardo saiu vagarosamente como entrara. A porta, encontrou o criado, com o chapeo n'uma das mãos, uma chave na outra, e uma trouxa debaixo do braço.

— Que queres?

— Entregar-lhe a chave da casa, e perguntar-lhe onde vamos dormir esta noite.

TERCEIRA PARTE.

Quinze dias depois, estava Eduardo na agua-furada de um pequeno prédio, escrevendo, á luz de uma vela de cebo, o artigo de fundo para um jornal. O criado accendia o lume para fazer chá.

Soaram na escada os passos de algum que trazia esporas, e momentos depois bateram.

— Não estou em casa. Disse Eduardo ao criado.

Era um boleeiro, que vinha saber se era ali que elle morava.

— E' uma mulher que o procura. Disse o criado.

— N'esse caso, allumia e manda subir.

E continuou a escrever o seu artigo de fundo. O socego restabeleceu-se de novo; e Eduardo, escrevendo com a velocidade do pensamento, não prestou attenção ao que succedeu depois.

Passada uma hora, largou a penna, desviou o papel, e afastou a cadeira; mas, n'esse instante, a cadeira, impellida pelo movimento rapido de Eduardo, foi arrojada contra a parede, e elle lançou um grito.

Maria estava ahi.

— Tu! Tu aqui, Maria? . . . Sonho, ou estou doido! . . .

— Eduardo, respondeu ella pegando-lhe na mão. Julgavas que me tivesse esquecido de ti?

— Não. Não tinha motivos para similhante juizo! . . .

— Lembras-te da ultima carta que te escrevi?

— Cada uma das tuas cartas era sempre a ultima!

— A que o foi realmente?

— Sim: lembro.

— Fallei-te d'um juramento meu. . . que tu foste irreflectidamente affrontar! Que tormento, Eduardo! como soffri n'aquelles dias! A minha palavra é immutavel como os sentimentos do meu coração. Tinha-te promettido que se succedesse uma coisa que me devia desligar d'esse juramento. . . eu seria tua. . .

— Sim. . . sim. . . Maria.

— Pois bem. Sou tua!

E só se ouviram então os transportes de duas almas que voavam uma para outra.

— Espera. . . espera, Maria; tu não reparas, não vês o que me cerca? . . . estou pobre!

— Amei-te pobre, Eduardo: é por acaso novidade para mim a tua pobreza? Ou queres tomal-a por pretexto. . .

— Qual pretexto, nem qual historia! Exclamou o criado. Aqui está n'este cofre muito d'aquillo com que se compram os melões.

— O meu cofre! Bradou Eduardo, cravando os olhos n'um cofre d'ebano com filetes de prata que o criado collocou estrondosamente sobre a mesa.

— Sim senhor, sim senhor; eu sabia muito bem o que elle continha; e quando albardei aquella. . . que nós sabemos, e tal *et cetera*, arrecadei-o muito bem arrecadado para o que desse e viesse.

— Bom Anselmo! Salvaste a minha fortuna! A nossa fortuna, Maria! Anselmo fizeste uma boa acção.

— Qual cavaquinho! quem é que deixa derreter dinheiro assim por qualquer coisa. . . Respondeu elle voltando costas e sorrindo.

Eduardo agitado pelas commoções que repentinamente se desinvolveram, ficou um momento em silencio, apertando as mãos de Maria. Depois, ao rebentar-lhe o pranto, puxou-a sobre o coração e imprimiu-lhe na fronte o seu primeiro beijo.

.....  
Dias depois estavam casados.

ALFREDO HOGAN.

Não devemos desprezar as coisas por insignificantes: uma centelha pode produzir um grande incendio; uma leve arranhadura a gangrena, e a morte.